CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AUDRY, JACQUELINE AUDRY
8 e 20 de Outubro de 2021

OLIVIA / 1950

um filme de JACQUELINE AUDRY

Realização, Argumento: Jacqueline Audry *Adaptação:* Colette Audry a partir do romance *Olivia* de Dorothy Bussy (sob o pseudónimo Olivia, 1949) *Diálogos:* Pierre Laroche *Fotografia*: Christian Matras *Operador de imagem*: Alain Douarinou *Som*: Joseph de Bretagne *Montagem*: Marguerite Beaugé *Música original:* Pierre Sancan *Cenários*: Jean d'Eaubonne *Guarda-roupa*: Mireille Leydet, Marcelle Desvignes, Jeanne Lafaurie *Maquilhagem*: Carmen Brel, Maguy Vernadet *Cabelos*: Jean Lalaurette, Simone Knapp *Assistentes de realização*: Claude Pinoteau, Claude Fayard *Anotação*: Jacqueline Loir *Fotógrafo de cena*: Roger Forster *Interpretação*: Edwige Feuillère (Mlle Julie), Simone Simon (Mlle Cara), Marie-Claire Olivia (Olivia Realey), Yvonne de Bray (Victoire), Suzanne Dehelly (Mlle Dubois), Marina de Berg (Mimi), Lesly Meynard (Frau Riesener), Danièle Delorme (uma antiga aluna), Rina Rhéty (Signorina), Tania Soucault (Georgie), Elly Norden (Laura), Nadine Olivier (Cécile), Sophiue Mallet, Hélène Rémy, Michèle Monty, Ludmilla Hols, Marcelle Arditi, Patricia Solair, Martine Bridou, Lisette Lebon, Jacqueline Siber, Jacqueline Delannoy, Violette Verdy, Susy Dumas, Catherine Alba, Christine Carrère, Jocelyne Jany, Roseline Prince, Eliane Salmon, Evelyne Salmon (alunas), Paul Mesnier, Ange Gilles, Fernand Fabre, Gabriel Sardet.

Produção: Memnon Films (França, 1950) *Produtores*: Jacqueline Audry, Jean Paris *Direcção de Produção*: Jean Velter *Cópia*: DCP, preto-e-branco, versão original em francês legendada electronicamente em português, 95 minutos *Estreia em França*: 27 de Abril de 1951 *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca*.

Na sessão de dia 8, a projecção de OLIVIA é antecedida de uma conferência de cerca de 30 minutos, por Brigitte Rollet. Centrada na obra de Jacqueline Audry, a conferência realiza-se em francês, sem tradução.

Brigitte Rollet é investigadora, professora em estudos de cinema e media e autora *de Jacqueline Audry La femme à la caméra* (2015). Tem actualmente em preparação uma monografia dedicada a *Olivia*, o livro de Dorothy Bussy que está na base do argumento do filme homónimo de Jacqueline Audry, igualmente analisado nesse estudo.

Dos filmes de Jacqueline Audry, OLIVIA não foi o único a provocar escândalo mas foi aquele que mais escândalo provocou. Foi também aquele que venceu a subestimação associada à invisibilidade de toda a filmografia da realizadora francesa sucedânea da sua popularidade em França na década de 1950 (notória a partir de GIGI, a sua terceira longa-metragem em 1949) quando o século XXI se abriu ao resgate. É um processo em curso, paralelo ao de outros casos com a diferença de que Audry, Jacqueline Audry, trabalhou no centro da indústria francesa, conhecedora da técnica e amante da arte cinematográfica, filmando produções ambiciosas quanto a meios, equipas e actores envolvidos, nas quais afirmou uma desconcertante singularidade transgressiva e distintivamente feminina.

As linhas gerais do desencontro entre Jacqueline Audry e a posteridade, iniciado ainda na sua época, ficaram indicadas na "folha" de HUIS-CLOS (1954, a partir da peça de Sartre), um dos títulos de que actualmente existem cópias projectáveis, o que não sucede a boa parte dos dezasseis que Audry realizou para cinema. A curiosidade dos espectadores fluentes em francês tem um elucidativo retrato áudio da realizadora por Didier Roth-Bettoni ao dispor de uma consulta Internet: *Jacqueline Audry (1908-1977), la disparue du cinéma français* (em podcast via France Culture) conta a história na primeira pessoa, integrando material de entrevistas a Audry, e convoca a voz autorizada de Brigitte Rollet ou Tania Capron (documentalista da Cinemateca Francesa) que a têm estudado e divulgado em anos recentes, contribuindo para a redescoberta também empreendida com um eco relevante por Bertrand Tavernier nas suas preciosas viagens filmadas pelo cinema francês. Sublinhando o prisma dos efeitos colaterais de uma misogenia Nouvelle Vague, Roth-Bettoni sublinha a propósito como todos os filmes de Audry "só falam de mulheres que nem são acessórias nem são mulheres fatais. São mulheres livres, emancipadas, que falam de sexualidade, recusam o esquema tradicional". Com efeito. Acrescente-se a ausência de empolamento das situações e personagens nos filmes de Audry, que dispensa a militância (manifesta pela sua irmã e

colaboradora Colette Audry), antes encara a naturalidade das coisas, fazendo-o sem preconceito nem julgamento. A franqueza desarmante que se encontra nos filmes descarta a presunção de tabus, o que desde logo baralha as regras do jogo.

Muitas parecem ser quebradas em OLIVIA, notado pela inovação da abordagem sem subterfúgios da homossexualidade feminina e violentamente criticada por indecência quando estreou, o que terá acrescentado barreiras ao já de si difícil percurso na realização de Jacqueline. Hoje é visto como um filme-culto, por essas inescapáveis razões, convindo não permitir que lancem na sombra outras qualidades, a começar na inteligência da sua construção, na sensibilidade do olhar, no apuro da mise-en-scène (em que, sim, é lícito ver a influência de Max Ophuls, um dos realizadores de quem Audry foi assistente nos anos 1930), na complexidade dos termos narrativos em que se expõe a perversidade mundana dos espíritos humanos. Bastará reparar como o abismo rodopiante que se vive na escola de raparigas em que OLIVIA se concentra casa com a arquitectura circular do cenário que gira à volta de uma escadaria em espiral, e esta com a composição dos enquadramentos das raparigas no espaço e com a fluidez dos movimentos de câmara. A dança algo terá de macabro mas é preciso esperar para entender os sinais dados por personagens como a velha professora de matemática com o seu carrapito e apetite voraz. Naquela casa é mais fácil ter estômago do que coração e cabeça, diz ela.

Olhado na linhagem de "filmes de colégios internos", que conhece um expoente de irreverência em Jean Vigo (ZÉRO DE CONDUITE, 1933), tem como casos mais próximos SAINT-CYR (Patricia Mazui, 2000) e THE BEGUILED (Sofia Coppola, 2017), este último revisitando um clássico ritualista de Don Siegel com Clint Eastwood (THE BEGUILED, 1971), OLIVIA não nasce de geração espontânea. A partir do romance de Dorothy Bussy dedicado a Virginia Woolf (única obra literária e semi-autobiográfica da escritora e tradutora de inglês de André Gide, publicada em 1949), a matriz do filme é MÄDCHEN IN UNIFORM de Léontine Sagan (1931), que se sabe ter sido uma referência já para o livro de Bussy tal como o clássico literário *Claudine à l'école* (1900) de Colette, por sua vez a romancista a que a obra de Audry mais associada ficou graças a GIGI, MINE, L'INGÉNUE LIBERTINE e MITSOU. Tudo se liga, cumprindo aclarar que as irmãs Audry foram céleres em conhecer e convencer Bussy a alinhar na adaptação ao cinema, tendo esta acompanhado ou pelo menos visitado a rodagem que decorreu em Fontainebleu (para os exteriores do colégio) e nos estúdios de Boulogne. Isto fora uma incursão parisiense que passa pelo Louvre e se detém face a um Watteau (*Peregrinação à Ilha de Cítara*).

Voltemos à imagem da espiral: o "indecoroso" OLIVIA toma ele próprio a figura circular abrindo e fechando com sequências-espelho da chegada e partida da jovem britânica Olivia ao colégio francês em que não há uniformes, há folhos e frufru, uma percepção de leveza inebriante. Olivia fica justamente inebriada, encarando a disponibilidade para se descobrir no plano em que olha o reflexo oval ao espelho quando entra pela primeira vez num quarto só seu. Entra no mundo concentracionário da escola que é palco de um filme exclusivamente no feminino: há uns homens figurantes em representação da lei e da ordem filmados, como secundários que são, ao longe quando vêm selar o "divórcio" das directoras da escola ou de costas quando realizam o inquérito final sem grande interesse em apurar o fundo da tragédia que até lá os leva. De resto, as silhuetas masculinas só pairam no estranho baile mascarado de Natal em que as raparigas desempenham os seus próprios e outros papéis. Olivia integra o contingente feminino que rodopia à volta das duas mestras de traços antagónicos admiravelmente interpretadas por Edwige Feuillère (Julie) e Simone Simon (Cara), enreda-se na luta silenciosa de poder e manipulação que ali se trava em surdina, parecendo que não. E deixa-se ir na febre que a põe de olhos pregados em Julie de uma maneira tão irremediável, tão cândida e tão crua que, no fundo, tudo desfaz. O espanto de OLIVIA vive dessa sinceridade e dessa crueza. A sua graça também está nos diálogos, numas espirituosas tiradas. *A vida não tem de ser inconsolável*.

Maria João Madeira